

RESENHA

A INGLATERRA ELISABETANA E OS CONFLITOS PELO PODER.

SILVEIRA, José Renato Ferraz da. **A Inglaterra elisabetana e os conflitos pelo poder.**

Aurora: revista de arte, mídia e política, São Paulo, v.6, n.16, p.9-23, fev.-mai. 2013.

Elcio Bueno de Magalhães ¹

RESUMO

O texto traz à tona a ascensão da Rainha Elizabeth I ao Reino da Inglaterra em 1558, após a morte de sua irmã Mary, a qual deixou o país em profunda crise econômica, política e religiosa. Apesar de uma infância e adolescência difícil em razão da perda da mãe e ausência do pai, a Rainha teve uma boa educação, tendo várias semelhanças de seu pai, como porte autoritário, além de ser eloquente e possuir dignidade natural, assumiu o reino dominado pelo caos, conflitos internos e cercada por inimigos, como a Escócia, França e Espanha. Sua sabedoria e capacidade de liderança se deu com a escolha de seus ministros dos quais exigia patriotismo e a consciência da razão do Estado e com a decisão de não se casar com seus pretendentes. Como soberana, promoveu reformas internas, estabeleceu parceria com a Escócia e encerrou os conflitos com a Espanha. Mas decidiu ficar de fora das confusões do continente.

ABSTRACT

The text highlights the rise of Queen Elizabeth I to the Kingdom of England in 1558, after the death of her sister Mary, who left the country in a deep economic, political and religious crisis. Despite a difficult childhood and adolescence due to the loss of the mother and absence of the father, the Queen had a good education, having several similarities to her father, as an authoritarian posture, besides being eloquent and possessing natural dignity, she assumed the kingdom dominated by chaos, internal conflicts and surrounded by enemies such as Scotland, France and Spain. His wisdom and leadership skills came from the choice of his ministers, who demanded patriotism and an awareness of the state's reason and the decision not to marry his suitors. As sovereign she promoted internal reforms, established a partnership with Scotland and ended conflicts with Spain. But he decided to stay out of the continent's confusions.

¹ 2º Tenente da Polícia Militar do Estado de Mato Grosso. Bacharel e Licenciado em Geografia pela UFMT, Mestre em Geografia pela UFMT.

Credenciais do autor²:

José Renato Ferraz da Silveira é Mestre e Doutor em Ciência Política pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Coordenador do curso de Relações Internacionais da Universidade Federal de Santa Maria onde é professor adjunto. É Pesquisador do Núcleo de Estudos em Arte, Mídia e Política da PUC-SP. Tem como linha de pesquisa: história inglesa, história das relações internacionais e moderna, crise política e legitimidade e tragédia da política.

O autor publicou o artigo “A Inglaterra elisabetana e os conflitos pelo poder” na revista *Aurora* (PUCSP), que traz uma descrição sobre o reinado da rainha Elisabeth I visando à questão da disputa pelo poder, da política como tragédia em que ressalta situações em que vida e morte, ascensão e decadência, glória e fracasso constituem etapas de uma liderança que a manteve na disputa pelo poder.

O artigo “A Inglaterra elisabetana e os conflitos pelo poder”, tem seu desenvolvimento constituído por duas partes: “A escolha dos ministros” e “Elisabeth e os apaixonados pretendentes”. Inicia com uma introdução descritiva sobre a honra e alegria do povo da Inglaterra por ter Elisabeth I no poder e faz uma análise a partir dos seguintes recortes: situações limites em que os conflitos e a possível perda do poder são evidentes: ao ascender ao trono inglês, ao escolher seus ministros e ao não se casar com os pretendentes. Os recortes citados são analisados pela perspectiva realista de Maquiavel em seu trinômio: conquista, manutenção e perda descritas em seu livro “O príncipe” de 1513.

A primeira parte “A escolha dos ministros” descreve como foi o reinado da rainha Elisabeth I. Filha de Henrique VIII, Elisabeth I, aos 25 anos, assumiu, em 17 de novembro de 1558, o reino após a morte de sua irmã Mary que havia deixado o perturbado reino numa crise econômica, política e religiosa. Elisabeth I passaria por diversos perigos como crises econômicas, catástrofes naturais, subversões, intrigas palacianas, além de inimigos estrangeiros. A data de sua ascensão ao trono (1558) foi

² Disponível em <http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual>

A Inglaterra Elisabetana e os conflitos pelo poder

declarada no ano de 1576 como feriado e o ato foi louvado por todos e assim permaneceu até 1603, período que ficou conhecido como idade de ouro da Inglaterra.

A vida de Elisabeth é descrita no artigo com detalhes, pois descreve que a rainha teve uma infância e adolescência difícil pela perda da mãe e a ausência do pai. Destaca ainda que Elisabeth teve uma boa educação e tinha várias semelhanças de seu pai como porte autoritário, cabelos castanhos, palavra eloquente e uma dignidade natural; outras semelhanças foram logo notadas: grande coragem em momentos de crise, feroz e impetuosa determinação, quando desafiada, e um lastro quase inexaurível de energia física. Foi encarcerada na Torre de Londres a mando de sua irmã, a rainha Mary, que temia Elisabeth no poder, mas sua conduta foi de intelecto e compreensão perante a situação.

Elisabeth precisou de muito talento, sabedoria e perspicácia ao assumir o trono em 1558, pois recebeu o reino em pleno caos, um reino pobre e decaído faltava bons capitães e soldados, não havia justiça, o protestantismo se instaurava contra o catolicismo e o povo estava numa desordem imensa. A Inglaterra estava cercada de inimigos como Escócia, França e até a Espanha. Mas, a rainha agiu com sabedoria se cercou de homens confiáveis, hábeis e capazes de fazer o necessário para mantê-la no poder a qualquer custo, além disso, exigia de seus ministros o patriotismo e a consciência da razão do Estado.

Escolheu conselheiros que se distinguiam mais pela inteligência e talento do que por sangue azul ou berço nobre e designou William Cecil, que tinha habilidade nos negócios do gabinete e uma sede permanente de informações em torno dos assuntos de Estado, como seu assessor e assim ficou por quarenta anos. Trabalhando juntos, Elisabeth e Cecil deram início à restauração das fortunas do reino. Como primeiro passo, o Conselho Privado, o círculo mais interno do governo, foi reduzido de 39 para 19 membros; entre os poucos escolhidos que permaneceram estavam veteranos que haviam servido a Eduardo e Mary, bem como homens novos que trouxeram novas perspectivas aos problemas com que se defrontava a Coroa.

Apesar de estar liderando muito bem seu reino, ainda havia problemas graves a serem resolvidos como um possível ataque da Escócia e a instauração da paz religiosa. Elisabeth tornou a nação protestante por Lei e a legislação católica da

A Inglaterra Elisabetana e os conflitos pelo poder

rainha Mary foi refogada o que gerou resistência de muitos em aceitar a nova religião.

Para tal problema, a rainha Elisabeth autoriza a liberdade de culto ao permitir que qualquer investigação maior sobre questões de foro íntimo fosse evitada, desde que a fórmula exterior da obediência ao culto anglicano fosse respeitada. A ação da rainha foi recebida com estranheza devido à época na qual, nos países católicos – e a Inglaterra seguia o catolicismo – protestantes eram queimados como hereges, enquanto que nos centros protestantes a mesma coisa acontecia aos católicos – e pelas mesmas razões. A intensão da rainha era tornar o patriotismo mais intenso do que as convicções do catolicismo.

Desse ponto, surge o partido dos Puritanos democráticos em teoria e organização não aceitavam que discordassem de seus pontos de vista e acabaram desafiando a autoridade política e religiosa da rainha que mesmo prezando pela liberdade de consciência impediu que eles organizassem células no corpo religioso ou político. Elisabeth teve de enfrentar o perigo católico no exterior e o ataque interno dos Puritanos chefiados por fanáticos exilados do reinado de Mary.

Quando a Reforma na Europa chegou à Inglaterra tomou um novo aspecto que era resolver, somente no Parlamento, a relação da Igreja Nacional com Roma, seus artigos de fé; as posses de suas propriedades e das propriedades dos mosteiros e isso resultou numa crescente e aguerrida oposição por parte dos Puritanos.

A Reforma religiosa na Inglaterra causou um debate teológico que pôs em distinção realistas e puritanos, sacerdotes e dissidentes, conservadores e liberais. Este fato, da Reforma na Inglaterra, pouco interessou a maioria da população e Elisabeth se ocupou de fazer a reforma da moeda retirando o dinheiro desvalorizado que estava em circulação desde o reinado de seu pai Henrique VIII, fortaleceu o trabalho agrícola autorizando todos os homens considerados capazes a realizar tal serviço e ainda firmou parceria com a Escócia e encerrou as hostilidades com a França.

Elisabeth decidiu ficar fora de confusões no continente, pois havia fracassado na tentativa de ajudar protestantes franceses com a tomada do porto de Le Havre em 1562 e teve de ser cautelosa com a França e com a Espanha que demonstrava o início de uma ameaça maior, pois era a maior potência do século XVI. Mesmo perante a

A Inglaterra Elisabetana e os conflitos pelo poder

essas ameaças à rainha se sustentou no poder e seguiu governando a Inglaterra com cautela e sabedoria.

A segunda parte do artigo intitulada “Elisabeth e os apaixonados pretendentes” apresenta como foi o relacionamento da rainha com seus pretendentes. No princípio de seu reinado Elisabeth usou como arma diplomática oferecer a sua mão em casamento, mas sempre recusava as cortesias de noivado, pois se ela se casasse com o cortesão que ocupava o lugar mais alto em sua consideração, sua autoridade poderia ser enfraquecida e provocaria luta entre os pretendentes.

Eram vários os pedidos de cortejos, mas todos em vão, pois a rainha sabia que se escolhesse qualquer um desses “apaixonados pretendentes”, significaria se envolver na política continental e, conseqüentemente, teria de enfrentar a hostilidade dos adversários de seu esposo. A explicação para a preferência da rainha por permanecer solteira pode ter sido os casamentos fracassados de seu pai e o casamento infeliz de sua irmã Mary. Isso deixou claro que o único casamento da rainha seria com seu povo.

O artigo finaliza concluindo que Elisabeth transformou um país falido, conflituoso e atrasado em uma grande potência internacional desafiando rivais, negociando com imperadores do Oriente e reivindicando vastas extensões do Novo Mundo. Durante seu reinado se mostrou perspicaz, delicada, sabia, humilde, reservada, soube escolher seus ministros e impunha sua autoridade impedindo qualquer contestação. Teve visão e adaptação constante às circunstâncias, dominou situações de desafio, rompeu definitivamente com a Igreja Católica e foi uma estadista moderna que governou com excelência o reino da Inglaterra.

Percebe-se que a rainha teve um forte espírito de liderança que a definia como aquela que não comandava sozinha, nem comandava por medo e que levava as pessoas a acreditarem na sua visão, tendo a capacidade de motivar a si mesmo e aos outros. Podemos definir seu estilo de liderança como confiável e democrático, uma liderança voltada à teoria comportamental que mostra um estilo próprio de liderança e a teoria da atribuição, que não segue um modelo para liderar e o líder tem seu

A Inglaterra Elisabetana e os conflitos pelo poder

papel bem traçado com base em sua conduta e reconhecimento dos demais integrantes da equipe.

Esta obra é indicada aos leitores/pesquisadores que se debruçam sobre a temática de “relações de poder”, tipos de liderança e os conflitos que possam advir destas relações.